

**O ensino da educação nutricional na formação inicial de nutricionistas: uma breve  
revisão**

**Teaching nutritional education in the initial training of nutritionists: a brief review**

**La enseñanza de la educación nutricional en la formación inicial de nutricionistas: una  
breve revisión**

Recebido: 29/02/2020 | Revisado: 02/03/2020 | Aceito: 11/03/2020 | Publicado: 20/03/2020

**Daniel Pinheiro Fernandes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3294-2863>

Faculdade Santa Maria, Brasil

E-mail: [dpinheiro15@yahoo.com.br](mailto:dpinheiro15@yahoo.com.br)

**Magno Marcio de Lima Pontes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2705-2903>

Faculdade Santa Maria, Brasil

E-mail: [magnopontes1703@gmail.com](mailto:magnopontes1703@gmail.com)

**Resumo**

A Educação Nutricional é fundamental na formação do profissional nutricionista, visto seu enfoque pedagógico na modificação do comportamento alimentar de indivíduos ou grupos específicos, e sua importantíssima contribuição para o entendimento dos fenômenos socioculturais, econômicos e demográficos que influenciam a alimentação. Nesse sentido, o presente artigo buscou evidenciar o papel do ensino da Educação Nutricional na formação inicial de nutricionistas. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico e exploratório nas bases dados Google Acadêmico e Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), como também foram utilizados livros e documentos relacionados ao Ensino e à Educação Nutricional. De acordo com os resultados, é visto que o nutricionista atua primordialmente como educador, independentemente de sua área de atuação, buscando a mudança e a manutenção do comportamento saudável. Tem se visto, que a Educação Nutricional, sobretudo nas atividades práticas, estimula o pensamento crítico-reflexivo dos alunos, tornando a aprendizagem baseada não só na assimilação de conteúdos e posteriormente na inserção da prática destes, mas também na elaboração de ideias próprias. Contudo, percebeu-se, a partir das análises, que essa disciplina tem sido negligenciada, pois apresenta baixa carga horária de trabalho em relação à outras, não

apresentando atividades práticas substanciais, além de ser considerada “leve” e “engraçada” pela maioria dos alunos. Assim, consideramos que o ensino da Educação Nutricional é parte crucial da formação inicial do profissional nutricionista, pois atua como fator estimulante da criticidade profissional e relaciona-se à ações interdisciplinares que abrangem as mais variadas áreas da nutrição. Entretanto, se faz necessário um maior aprofundamento de pesquisas que evidenciem isso, visto a escassez de estudos atuais sobre o tema.

**Palavras-chave:** Educação Nutricional; Ensino; Formação Inicial; Nutricionista.

### **Abstract**

Nutritional Education is fundamental in the training of nutritionist professionals, given its pedagogical focus on modifying the eating behavior of specific individuals or groups, and its extremely important contribution to the understanding of the socio-cultural, economic and demographic phenomena that influence food. In this sense, this article sought to highlight the role of Nutrition Education teaching in the initial training of nutritionists. To this end, a bibliographical and exploratory survey was carried out on the Google Scholar databases and Catalog of Theses and Dissertations from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), as well as books and documents related to Teaching and Nutritional Education. According to the results, it is seen that the nutritionist acts primarily as an educator, regardless of his area of activity, seeking change and maintaining healthy behavior. It has been seen that Nutritional Education, especially in practical activities, stimulates students' critical-reflective thinking, making learning based not only on the assimilation of content and later on the insertion of their practice, but also on the elaboration of their own ideas. However, it was noticed, from the analysis, that this discipline has been neglected, as it has a low workload in relation to others, not presenting substantial practical activities, in addition to being considered “light” and “funny” by most. Thus, we consider that the teaching of Nutritional Education is a crucial part of the initial training of the nutritionist professional, as it acts as a stimulating factor for professional criticality and is related to interdisciplinary actions that cover the most varied areas of nutrition. Further research that shows this, given the scarcity of current studies on the subject.

**Keywords:** Nutritional Education; Teaching; Initial formation; Nutritionist.

### **Resumen**

La Educación Nutricional es fundamental en la formación de profesionales nutricionistas, dado su enfoque pedagógico en la modificación del comportamiento alimentario de individuos o

grupos específicos, y su contribución extremadamente importante para la comprensión de los fenómenos socioculturales, económicos y demográficos que influyen en los alimentos. En este sentido, este artículo buscaba resaltar el papel de la enseñanza de la Educación Nutricional en la formación inicial de nutricionistas. Con este fin, se realizó una encuesta bibliográfica y exploratoria en las bases de datos de Google Académico y el Catálogo de Tesis y Disertaciones de la Coordinación para la Mejora del Personal de Educación Superior (CAPES), así como libros y documentos relacionados con la enseñanza y la educación nutricional. Según los resultados, se ve que el nutricionista actúa principalmente como educador, independientemente de su área de actividad, buscando el cambio y manteniendo un comportamiento saludable. Se ha visto que la Educación Nutricional, especialmente en actividades prácticas, estimula el pensamiento crítico-reflexivo de los estudiantes, haciendo que el aprendizaje se base no solo en la asimilación de contenido y más tarde en la inserción de su práctica, sino también en la elaboración de sus propias ideas. Sin embargo, se observó, a partir del análisis, que esta disciplina se ha descuidado, ya que tiene una baja carga de trabajo en relación con otras, no presenta actividades prácticas sustanciales, además de ser considerada "ligera" y "divertida" por la mayoría. Por lo tanto, consideramos que la enseñanza de la Educación Nutricional es una parte crucial de la formación inicial del profesional nutricionista, ya que actúa como un factor estimulante para la crítica profesional y está relacionada con acciones interdisciplinarias que cubren las más variadas áreas de la nutrición. La investigación adicional que muestra esto, dada la escasez de estudios actuales sobre el tema.

**Palabras clave:** Educación nutricional; Enseñanza; Entrenamiento inicial; Nutricionista.

## 1. Introdução

A Educação alimentar e nutricional (EAN) é uma das ferramentas mais utilizadas para promoção de saúde atualmente, pois exerce papel estratégico na prevenção e controle de problemas alimentares e nutricionais, propiciando uma alimentação adequada e saudável. A EAN é atividade privativa do nutricionista, prevista na Lei nº 8.234/91, artigo 3, parágrafo VII, promulgada pelo Governo Federal e é parte integrante do currículo obrigatório dos cursos de graduação em Nutrição.

O principal objetivo da Educação Nutricional (EN) é fornecer o conhecimento necessário e a motivação, para possibilitar atitudes e hábitos de uma vida saudável, garantindo também uma alimentação completa, variada e adequada. Porém, a EN sozinha, não é uma fórmula mágica para resolver os problemas alimentares, mas é um instrumento indispensável

que pode permitir à população a autonomia de escolha dos alimentos, devendo ser integrada com outras estratégias de cunho governamental (Cequeira, 1985).

O papel do nutricionista como educador e facilitador dos conhecimentos da nutrição tornou-se fundamental diante das mudanças no cenário nutricional mundial, sobretudo no que diz respeito a prevenção das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs), que dominam o número de mortes em todo o mundo. Nesse sentido o nutricionista por meio da Educação Nutricional principalmente, busca ser o tradutor da ciência da nutrição, capacitado para interpretar as informações e transmiti-las de forma que possibilite a melhora da alimentação dos indivíduos e da sociedade.

A disciplina de Educação Nutricional, se torna dessa maneira uma ferramenta crucial no desenvolvimento do profissional nutricionista, pois ela possibilita um maior entendimento dos fenômenos socioculturais, econômicos e demográficos que envolvem a alimentação, utilizando uma abordagem pedagógica e educativa que estimula o desenvolvimento de uma autonomia consciente do paciente ou grupo para com a alimentação.

Dessa forma o papel do nutricionista como educador se torna valioso, à medida que há a necessidade de princípios pedagógicos e educativos para melhorar as ações em saúde, garantindo o desenvolvimento crítico do indivíduo e sua autonomia relacionada a alimentação. Para tanto, é necessária uma formação voltada para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo dos alunos, com o objetivo de organizar as melhores intervenções, levando em consideração os variados aspectos que possam encontrar em um indivíduo ou população. Nessa perspectiva, o presente estudo busca por meio de uma revisão bibliográfica elucidar o papel do ensino da Educação Nutricional na formação inicial dos profissionais nutricionistas.

## **2. Metodologia**

Para a construção deste trabalho foi realizada uma revisão integrativa, considerando algumas publicações presentes nas bases de dados Google Acadêmico e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES). Para tanto utilizou-se as palavras-chaves associadas: Ensino; Formação Inicial; Nutricionistas e Educação Nutricional. Após a aplicação do filtro “Idioma: Português”, foram selecionados de acordo com o número de citações e a pertinência relacionada ao tema 11 publicações, das quais 3 eram dissertações e 8 eram artigos. Além disso, foram utilizados alguns documentos e livros importantes relacionados à educação e ensino e à educação nutricional.

### 3. Educação em Saúde e Educação Nutricional

A educação em saúde é vista hoje como uma forma de gerar através de atividades, o cuidado da saúde, levando em consideração os valores, cultura e as crenças dos indivíduos ou grupos envolvidos nas atividades educativas, visando atitudes e condições que busquem atingir uma boa qualidade de vida. Nesse sentido a educação nutricional se torna destaque como estratégia nas atividades relacionadas a educação em saúde, pois, apresenta um enfoque na difusão de informações sobre práticas alimentares saudáveis, através de uma abordagem pedagógica e educativa, que está ligada principalmente a mudança comportamental. Prioriza-se na educação nutricional os processos ativos, que incorporam os conhecimentos e práticas populares, levando em consideração a realidade dos indivíduos envolvidos e proporcionando, sempre que possível, a integração da teoria com a prática.

A educação nutricional na promoção em saúde busca de certa forma o desenvolvimento das capacidades individuais e coletivas sobre as escolhas alimentares críticas e conscientes, de forma que não há utilização apenas dos conhecimentos clínicos, de diagnóstico, prescrição, cuidados e avaliação geral. Mas também, ações educativas que buscam proporcionar o desenvolvimento de um pensamento livre e de uma consciência crítico-reflexiva relacionado ao ato de se alimentar. Diante disso podemos abordar algumas correntes filosóficas da educação que podem nortear os questionamentos quanto as abordagens pedagógicas voltadas a educação em saúde e educação nutricional.

Segundo Reoul (1974), o ensino é a forma mais humana de instrução, sendo responsável por parte crucial na aprendizagem e iniciação. O propósito do ensino não é formar um técnico, um cidadão ou um crente, não é para integrar o indivíduo em uma comunidade específica, mas sim, na comunidade humana e universal. Ele enfatiza que a educação é formadora do homem, tendo o ensino como medida instrutiva no cultivo do homem e na formação do juízo do mesmo. O ensino então, é visto como uma forma de investigação do conhecimento da cultura humana, do saber de se mesmo e do contexto onde está inserido, sendo parte crucial do processo educativo e na formação da consciência e autonomia do homem, inclusive em relação à alimentação.

Segundo Freire (1985, 1987), há a necessidade da inserção do educador em uma realidade em que não seja a “realidade do educando”, e sim uma realidade em que os dois estejam situados. Onde exista conflitos, questionamentos e contradições, sendo considerada desafiadora para o profissional que deseja trabalhar nessa área. Além disso, ele enfatiza a educação dialógica em oposição a educação bancária, como melhor forma do desenvolvimento

do pensamento crítico. Para ele na educação bancária, o “saber” é uma doação dos que se julgam detentores do saber para os que julgam nada saber, o que constitui a ignorância e a alienação. Já a educação dialógica ou problematizadora, tem caráter reflexivo e o educador não é apenas o que educa, mas sim o que educa e é ao mesmo tempo educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa. Desse modo, a prática bancária implica em inibir o poder de pensar dos educandos e a prática problematizadora implica em uma constante descoberta da realidade. Em outras palavras a primeira pretende imergir, e a segunda emergir das consciências, o que implica no desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo.

Diante do pressuposto, podemos considerar a educação problematizadora potencialmente vantajosa nos processos de educação nutricional, pois permite o pensamento livre e a busca interior do indivíduo, por meio do compartilhamento de conhecimentos e a estimulação de um pensamento crítico, contribuindo para o processo de autonomia e escolha do comportamento alimentar. Ainda segundo Freire: [...] “Educação só é possível enquanto compromete o educando como homem concreto, ao mesmo tempo o prepara para a crítica das alternativas apresentadas pelas elites e dá-lhe a possibilidade de escolher seu próprio caminho.” [...] (Freire, 1975, p. 23)

De acordo com o que foi citado, a educação só é efetiva quando ela proporciona uma reflexão sobre o homem concreto, ou seja, considerando sua individualidade e sua singularidade, levando em consideração também o meio em que vive, o preparando para as críticas e concedendo-o autonomia de escolha. Podemos então afirmar que a educação nutricional será realmente efetiva quando é levada em consideração as particularidades e costumes que envolvem o indivíduo, situando-o na realidade.

De fato, percebe-se que a educação nutricional casa com as ideias da educação em saúde, enquanto método pedagógico, sendo utilizado na promoção de saúde através de intervenção no comportamento alimentar, considerando o homem um ser de costumes e particularidades, e que essas características influenciam de maneira geral na sua alimentação. Nesse sentido a educação nutricional deve se aprofundar nas peculiaridades dos indivíduos trabalhados antes de intervir na própria educação.

Podemos citar então, a atuação do profissional nutricionista, que tem como função a divulgação e multiplicação da informação referente a educação nutricional. Logo, o nutricionista é visto como educador e facilitador do entendimento dos conhecimentos da nutrição para com uma população, proporcionando o poder do questionamento e da criação e estimulando a percepção e o pensamento crítico relacionados aos hábitos alimentares (Boog, 1996).

#### **4. A formação profissional do nutricionista**

A origem do nutricionista do Brasil está relacionada a necessidade da atuação desse profissional no campo da saúde tendo como objetivo o trabalho com a alimentação do homem individualmente ou coletivamente. Surgido no início da década de 1940 até a de 1960, o profissional nutricionista brasileiro tinha como principais áreas de atuação a Dietoterapia (ou nutrição clínica) e a Administração de Serviços de Alimentação (ou alimentação coletiva), sendo que seus principais locais de atuação eram os hospitais e demais serviços públicos, como os restaurantes populares da previdência social.

Observou-se que a partir da criação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inan), com base na lei nº 5.829, de 30 de novembro de 1972; a instituição do II Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (Pronan), a partir do decreto nº 77.116, de 6 de fevereiro de 1976 e a implantação do programa de interiorização das ações de saúde e saneamento (Piass), a partir do Decreto nº 78.307, de 24 de agosto de 1976, com base na perspectiva da atenção primária à saúde, ampliou-se a área de atuação do profissional nutricionista em saúde pública, saúde coletiva ou nutrição social, que teve como principal local de atuação a rede básica de serviços de saúde.

Uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) em 2005, mostrou as seis maiores áreas de atuação do nutricionista, apresentando a seguinte distribuição: 41,7% em Nutrição clínica, 32,2% em Alimentação coletiva, 9,4% em Ensino (Docência), 8,8% em Saúde coletiva, 4,1% em Nutrição esportiva e 3,7% em Indústria de alimentos. Podemos perceber a partir da pesquisa que houve um aumento nas áreas de atuação do profissional nutricionista, porém não houve alteração nas duas principais áreas, que correspondem a Nutrição Clínica e a Alimentação Coletiva. Mesmo diante dessas principais áreas, observou-se o aparecimento de outras vertentes da nutrição como a Nutrição Esportiva, a Indústria de Alimentos e o Ensino.

Em suma, o profissional nutricionista inicialmente voltava-se predominantemente ao modelo assistencialista, direcionado para o tratamento da doença já instalada e não para a promoção de saúde. Contudo, com o advento da transição nutricional e epidemiológica, houve modificações no perfil alimentar e um aumento na prevalência das DCNTs como Diabetes, Obesidade, Hipertensão Arterial, Câncer e Doenças Cardiovasculares, o que implicou em uma maior demanda da sociedade por medidas preventivas e de promoção a saúde.

A partir dessa mudança de cenário, surgiu a necessidade de mudanças na base curricular

do nutricionista, tendo como principal alteração a inserção de um perfil profissional de promoção de saúde, como o nutricionista no matriciamento em saúde, onde há um compartilhamento de tarefas e uma associação com as diversas áreas da saúde, tais como a medicina, enfermagem, farmácia e sobretudo a psicologia, que está associada a nutrição como coadjuvante nas modificações do comportamento alimentar.

A formação do profissional nutricionista hoje é regida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição, instituídas pela Resolução nº 5, de 7 de novembro de 2001, do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Superior (CES) do Ministério da Educação. As diretrizes definem os princípios, fundamentos, as condições e os procedimentos relacionados a formação dos nutricionistas pelas instituições de ensino superior (IES) no Brasil.

Em seu artigo 3º, as diretrizes definem o perfil do formando do curso de nutrição da seguinte forma:

Nutricionista, com formação generalista, humanista e crítica, capacitado a atuar, visando à segurança alimentar e à atenção dietética, em todas as áreas do conhecimento em que alimentação e nutrição se apresentem fundamentais para a promoção, manutenção e recuperação da saúde e para a prevenção de doenças de indivíduos ou grupos populacionais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, pautado em princípios éticos, com reflexão sobre a realidade econômica, política, social e cultural (Brasil, 2001 Seção 1, p.39)

Considerando o que foi citado acima, a formação do nutricionista deve se focar na segurança alimentar e a atenção dietética, visando a promoção, manutenção e recuperação da saúde e a prevenção de doenças, integrando a realidade local e o capacitando em relação a reflexão sobre contexto político, econômico e socio-cultural. Percebe-se então que há uma diferença entre o perfil inicial dos nutricionistas, que era focado basicamente no tratamento e não na prevenção da doença.

As habilidades e competências gerais são divididas em categorias como a atenção à saúde tanto em nível individual quanto coletivo; a tomada de decisões baseadas em evidências científicas; a comunicação com as mais variadas populações; a liderança, administração e gerenciamento com responsabilidade e juntamente com uma equipe multiprofissional e, por fim, a educação permanente garantindo a renovação e compartilhamento do conhecimento entre profissionais.

As competências e habilidades específicas focam principalmente na atenção dietética, na manutenção, promoção e recuperação do estado nutricional, desenvolvimento e aplicação de



técnicas de ensino, atuar em programas de educação e vigilância alimentar e nutricional, visando a promoção à saúde, na formulação de programas de educação nutricional, nas equipes de trabalho multiprofissional e na terapia nutricional, na avaliação do estado nutricional e nas dietas e suplementos dietéticos, para indivíduos saudáveis e enfermos, na coordenação de unidades de alimentação e nutrição e na realização de diagnósticos e intervenções na área de alimentação e nutrição, considerando aspectos socioculturais e econômicos que se relacionam a disponibilidade de alimentos para determinada população ou indivíduo.

Os conteúdos que são abordados durante a graduação de nutrição devem contemplar as ciências biológicas e da saúde; ciências sociais, humanas e econômicas; ciências da alimentação e nutrição e a ciência dos alimentos. O curso deve proporcionar a integração de todas essas áreas, focando no cuidado através da nutrição, que deve estar relacionada aos aspectos psicossociais, culturais e econômicos ligados ao indivíduo ou população, considerando as principais necessidades da população de acordo com o cenário epidemiológico da região.

Além do citado acima a formação do nutricionista deve proporcionar a integração com a prática, sendo ela correspondente a 20% do total de carga horária do curso, que está relacionada aos estágios curriculares. Além da inserção na prática, a estrutura do curso deve garantir também uma sinergia entre ensino, extensão e pesquisa, desde o início do curso, educação e cidadania, flexibilidade e variabilidade curricular, estratégias pedagógicas e educativas que contribuam para a articulação do saber, o saber fazer e o saber conviver, a implementação de estratégias que busquem que o aluno reflita sobre a realidade social e aprenda a aprender, aprenda a ser, aprenda a fazer e a conhecer, como também o estímulo à atividades e discussões em grupos e a valorização das dimensões humanísticas voltadas a atitudes e valores orientados pela cidadania.

Finalmente, o projeto pedagógico do curso de nutrição deve objetivar uma abordagem coletiva, centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e norteado pelo professor como facilitador e mediador do processo de ensino-aprendizagem. Esse projeto deve buscar a formação integral e adequada do estudante, mediante articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

De acordo com as diretrizes acima citados, podemos perceber que a formação atual dos nutricionistas não foca apenas nas áreas de tratamento, mas também na área de promoção de saúde, mediada principalmente por princípios educativos que buscam a mudança do comportamento relacionados a alimentação, levando em consideração o os aspectos sociais e econômicos que envolvem esse fenômeno. Portanto, o nutricionista deve ser capaz de atuar na transmissão e construção do conhecimento, sendo crucial no processo de educação permanente

e no entendimento do contexto da realidade regional, contribuindo grandemente para a promoção de saúde.

## **5. Desafios da Educação Nutricional na formação curricular do nutricionista**

Como visto nos tópicos anteriores, a formação do nutricionista não é baseada exclusivamente em disciplinas técnicas, mas também é voltada a área de humanística e das ciências sociais, foi destacado também o papel do nutricionista enquanto educador no processo de formação do pensamento crítico-reflexivo do paciente em relação a alimentação. Diante disso podemos destacar o papel da educação nutricional como ferramenta vital na gênese desse processo pedagógico, no entanto, alguns estudos mostram que esta disciplina de certa forma pode estar sendo negligenciada em alguns cursos de graduação em Nutrição.

Um estudo realizado por Franco (2005) no estado de São Paulo com Instituições de Ensino Superior (IES), buscou investigar como se dá o ensino da disciplina de Educação Nutricional, por meio de questionário e entrevista com os professores que ministram a respectiva disciplina e pesquisando os programas da mesma nos cursos de Nutrição do estado. Foram contatadas 62 instituições por meio dos coordenadores de curso, desse total 23 responderam o questionário e 12 enviaram uma cópia do programa da disciplina que foi solicitado. Do total que respondeu ao questionário, 73,9% deles eram reconhecidos pelo Ministério da Educação sendo que, cerca de 87% das instituições eram privadas e 13% públicas.

A autora realizou 11 entrevistas com docentes da disciplina, sendo todos de instituições reconhecidas pelo Ministério da Educação. Foram elucidados no estudo a categorização e a organização, mostrando a relação com as outras disciplinas, cargas horárias, bibliografia utilizada, as formas de avaliação e os pensamentos dos docentes quanto a disciplina de Educação Nutricional, dando enfoque as relações entre o professor e o aluno e ao eixo teoria-prática.

Em relação a carga horária teórica e prática, foi mostrado que, das 12 IES que enviaram cópia do programa da disciplina, dez apresentaram carga horária total variando de 60 a 105 horas durante o curso e apenas duas apresentaram carga horária total dividida em prática e teórica, ambas informaram que destinavam uma hora de aula prática por semana. Alguns entrevistados disseram que, embora a disciplina contenha somente carga horária teórica, era trabalhada também a parte prática. Os docentes disseram que essa carga horária prática era utilizada em diversas atividades, tais como simulação de ensino, elaboração de materiais, práticas em outras disciplinas, em projetos de extensão, em estágios curriculares e em trabalhos

com grupos. Porém não foi possível estabelecer um consenso sobre qual a prática ideal.

No entanto, uma das professoras em depoimento, enfatiza a dificuldade da adoção da atividade prática, devida a carga horária reduzida da universidade. Além disso durante a entrevista eles mostraram simpatia pela parte prática do ensino da educação nutricional em detrimento da teoria, e em suas declarações de forma geral, enfatizaram a relação entre prática e a teoria como facilitador do entendimento do aluno no que diz respeito a ação-reflexão-ação, considerando sobretudo, a prática crucial para o desenvolvimento reflexivo do aluno.

Um estudo realizado por Canesqui e Diez-Garcia (2005), com 12 cursos de Nutrição, revelou que em média são destinados 4,7% da carga horária total do curso pra as disciplinas de Educação Nutricional e Nutrição em Saúde Pública. Além disso foi visto que as disciplinas das áreas biológicas e da saúde somam em média 26,57%, as disciplinas relacionadas as ciências humanas somam em média apenas 8,58% e as disciplinas profissionalizantes 59,68% da carga horária total do curso. Diante desses resultados é possível afirmar que a carga horária destinada as disciplinas relacionadas as ciências humanas, tais como Educação nutricional e Saúde pública possuem cargas horárias reduzidas, quando comparadas às disciplinas profissionalizantes e às disciplinas biológicas e da saúde. Isso acaba por dificultar as atividades que são muitas vezes pretendidas pelos professores, sobretudo no âmbito prático.

A partir dos resultados do estudo, percebeu-se também que a disciplina de Educação Nutricional é parte crucial nos estágios de saúde pública, pois das 11 entrevistas, apenas uma citou que a falta de tempo era um empecilho para a integração da disciplina com o estágio, e o restante citou a disciplina como campo de atuação do graduando enquanto educador. De acordo com Franco, geralmente a disciplina de Educação Nutricional é mais utilizada na área de estágio, pois lá o professor tem a função de supervisionar, como também pode atribuir grande importância a disciplina tratada. (FRANCO, 2006, p.97)

Quanto a bibliografia básica utilizada, não há consenso estabelecido, porém foi observado que o livro mais citado na bibliografia da disciplina, foi o de Motta e Boog, em 30,4% dos programas enviados, seguido pelo de Gouveia, citado em 21,7% e em menor proporção constava o livro, O que é educação, de Carlos Rodrigues Brandão. Foi observado que os docentes que ministram a disciplina de Educação Nutricional não se apoiam no pensamento de autores específicos, no entanto, consta-se a utilização de ideais pedagógicos tradicionais como os pensamentos de educação de Paulo Freire. Em suma, os professores remeteram-se diversas vezes a características da educação libertadora, principalmente no que diz respeito a compreensão e reflexão da realidade vivenciada e em relação ao desenvolvimento da capacidade crítica dos educandos.

Ao contrário das outras disciplinas, os alunos veem a Educação Nutricional como “leve” e “engraçada” e que apenas alguns alunos conclui a disciplina com uma visão diferente dessa citada, isso acaba revelando a dificuldade do entendimento do aluno em relação a real complexidade dos temas abordados na disciplina. Além disso percebeu-se uma certa insatisfação por parte dos professores, em relação a falta de preparo do aluno no início da disciplina para entender a importância da mesma para o seu futuro.

Quanto a prática de educação nutricional em outras disciplinas, foi vista como restrita, sendo abordada em apenas quatro disciplinas que foram Nutrição Materno-Infantil, Anatomia, Saúde Pública e Saneamento. Boa parte dos docentes entrevistados, relatou que há uma interdisciplinaridade dos conhecimentos da disciplina quando associadas a outras, no entanto, há a sua utilização superficial e não há uma integração efetiva.

Em relato, os professores em vários momentos citaram as simulações em sala como atividades práticas. Visto isso, podemos dizer que o aluno não tem contato com a realidade propriamente dita, tendo assim uma visão ingênua da mesma, pois a simulação não permite seu aperfeiçoamento e a criação de uma consciência crítico-reflexiva, isso acaba por impedir o contato do educando com a realidade e dificultando a elaboração de soluções para os problemas reais enfatizados (Freire, 1985).

A EN mostra-se presente nos projetos interdisciplinares realizados por outras disciplinas ao longo do curso. Porém essas atividade práticas são entendidas como elaborações de ferramentas, em sala de aula, de forma exata, não relacionada com outras atividades, dessa forma a prática é dita pelas atividades realizadas e não pelo local em que ela ocorre, não sendo assim possível a integração com a realidade propriamente dita.

## **6. Considerações Finais**

Dessa forma, percebe-se que a Educação Nutricional é fator crucial na formação inicial e continuada do profissional nutricionista, tendo em vista que a sua interdisciplinaridade, assim como a relação com o desenvolvimento crítico-reflexivo do discente, surge como uma ferramenta de grande importância nos estágios curriculares. No entanto, é possível perceber que a disciplina é tida, em contextos específicos, como não importante, haja a vista a carga horária reduzida, a falta de consenso sobre a bibliografia utilizada, a visão superficial que os alunos discorrem considerando-a simples em comparação com as disciplinas de caráter clínico.

Todos esses fatores caracterizam desafios a serem enfrentados e superados pela Educação Nutricional no processo formativo, a fim de garantir uma formação global, que

propicie uma visão geral e humanística, garantindo uma abordagem empática no contato com os sujeitos, nos mais diversos contextos. Assim, se faz necessário retratar que o presente estudo apresentou algumas limitações, devido à escassez de trabalhos que abordam o tema de forma aprofundada, isso pode ser reflexo da hegemonia do modelo biomédico, que ainda sobressai em estudos, práticas e ações relacionadas à esta disciplina e aos cursos da área da saúde.

Dessa forma, faz-se necessário a realização de estudos empíricos, sobretudo trabalhos de campo, que forneçam informações palpáveis, que evidenciem a importância e a relação que essa disciplina, tem para o processo formativo do profissional de saúde, podendo surgir novos caminhos, discussões e transformações no Ensino Superior.

## Referências

Boog, M.C.F. (1999). Educação nutricional em serviços públicos de saúde. In *Cad. Saúde Pública* (15th ed., pp. 139-147). Rio de Janeiro.

Boog, M.C.F. (1996), *Educação Nutricional em Serviços Públicos de Saúde: busca de espaço para ação afetiva*, Dissertação (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade De São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, Brasil. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-20022018172455/publico/DR\\_293\\_Boog\\_1996.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-20022018172455/publico/DR_293_Boog_1996.pdf).

Burgess, A. & Dean, R.F.A. (1963). Education Nutritional. In Organización Panamericana de la Salud (Ed), *La malnutrition y los hábitos alimentários* (pp. 26-106). Washington DC: OPAS – Publicación Científica.

Cerqueira, M.T. (1985). Educacion en Nutricion, Metas y Metodologia. *Bol Of Sanit Panam*, 99(5), 1-12.

Cervato-Mancuso, A.M. (2016). Educação Alimentar e Nutricional como prática de intervenção. *Revista de Saúde Coletiva*, 26(1), 225-249.

Conselho Nacional De Educação. Resolução CNE/CES 5/2001 (2001). Seção 1, p. 39, Brasília.

Costa, N.M.S.C. (2009). Formação pedagógica de professores de nutrição: uma omissão consentida? *Rev. Nutr*, 22(1), 97-104.

Diez-Garcia, R.W & Cervato-mancuso, A.N. (2016). *Mudanças alimentares e Educação nutricional*. (1 ed.). Rio de Janeiro: Ed Guanabara Koogan.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. (17 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1985). Educação e Mudança. (12 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1967). Educação como prática da liberdade. (1405 ex.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.  
Galisa, M.S. (2015). Educação alimentar e nutricional: da teoria à prática. (1 ed.). Vila Maria - SP: Roca.

Guimarães, M.M. (2017). Matriz De Habilidades E Competências Para A Formação Do Nutricionista Como Instrumento De Avaliação Do Projeto Pedagógico Do Curso. Rev. Eletr. Farm. 14(1), 23-31.

Liden, S. (2011). Educação Alimentar e Nutricional: algumas ferramentas de ensino. (2 ed.). São Paulo: Livraria Varela.

Luz, M.M.A. (2015), A formação do profissional nutricionista na percepção do docente, Comunicação Saúde Educação; 19(54): 589-601.

Machado, V. C. (2014), *FORMAÇÃO DE NUTRICIONISTAS: Uma discussão a partir da análise e interpretação das significações constituídas pelo discente nas atividades de estágio curricular*, Tese (Educação: Psicologia em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Miranda, S.M.R.C & Malagutti, W. (2010). Educação em Saúde. (1 ed.). São Paulo: Phorte.

Motta, D.G. da (2003). A formação Universitária em Nutrição. Pro-Posições-UNICAMP, 14(1), 69-85.

Reboul, O. (1974). Filosofia da Educação. (1 ed.). São Paulo: Nacional/EDUSP.

Rezende, E. G. et. al. (2011) Educação Nutricional e a cultura como questão, Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais, 10(1) p. 89-100.

Santos, J.C.R. (2017). Metodologias ativas e interdisciplinaridade na formação do nutricionista. Semina: Ciências Sociais e Humanas, 38(1), 117-128.

Taddei, J.A.A.C. (2016). Nutrição em Saúde Pública. (2 ed.). Rio de Janeiro: Rubio.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Daniel Pinheiro Fernandes – 70%

Magno Marcio de Lima Pontes – 30%